

## APRESENTAÇÃO

A primeira edição do ano de 2019 (Volume 3, nº 1) da Mandinga – Revista de Estudos Linguísticos traz oito artigos que refletem sobre os estudos da linguagem e suas inúmeras formas de manifestação. Nesta edição, o periódico abriga discussões importantes sobre as representações sociais, o ensino de língua portuguesa no Brasil e Angola, os desafios de se estudar sobre o preconceito, tendo como objeto de análise, e porque não dizer de enfrentamento, a literatura; e, além desses temas, também apresentamos investigações sobre gêneros do discurso e intersemiótica. São resultados dos trabalhos de 14 pesquisadores de diversas instituições de ensino superior brasileiras e estrangeiras, e com distintas titulações, da iniciação científica ao pós-doutorado.

O artigo escolhido para introduzir esta edição é de Lucineudo Machado Irineu da Universidade Estadual do Ceará (UECE). O trabalho, intitulado *Abordagem discursiva das representações sociais: sistematização de um construto teórico-metodológico* traz uma discussão importante sob um viés interdisciplinar sobre como as Representações Sociais são abordadas em diferentes correntes teóricas. Tendo como aporte teórico Moscovici (1976), Jodelet (1991), Flament (2001), Doise (2001), Fairclough (2008) e Dijk (1999), o autor defende que as Representações Sociais são construtos ideológicos, sóciocognitivos, que se materializam no/e pelo discurso. O texto do autor traz uma discussão necessária sobre o tema, pois é preciso discutir sobre como as Representações Sociais influenciam/interferem nas práticas sociais, como por exemplo em sala de aula.

Com relação aos processos de ensino e aprendizagem da língua portuguesa e os conflitos ideológicos que influenciam na didática docente, apresentamos os próximos artigos. Intitulado *O português em angola: o problema do ensino da gramática*, o artigo de Fidele Poutou (Polytechnic Institute Kafundi), busca apresentar alguns problemas e dificuldades que os professores de Língua Portuguesa enfrentam no seu dia-a-dia ao lecionar essa disciplina em Angola. Amparado pela Linguística Aplicada e pelos estudos do Círculo de Bakhtin, o autor observa que os informantes pouco conhecem sobre as tendências mais atuais do ensino de Língua Portuguesa, condicionando suas práticas ao ensino de gramática balizado ora por dogmatismos arcaicos, ora pelo desafio de encontrar novas formas de se ensinar português.

Tendo como aporte teórico Mattos e Silva (1989), Leite e Callou (2002), Faraco (2005), Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) e Lobo e Oliveira (2009), o artigo de Vanessa Caroline Silva Santos e Jurgen Alves de Souza, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, cujo título é *A influência do contato com línguas africanas na performance do português popular brasileiro*, traz uma discussão sobre a formação histórica do Português Brasileiro com base na influência das línguas africanas faladas no país no período colonial. Os autores sustentam que o apagamento de determinadas variantes afrodescendentes aponta para o silenciamento de alguns estratos sociais, que, nos últimos tempos, buscam fazer uso de sua representatividade social para minimizar os efeitos devastadores do preconceito.

Nesta mesma vertente, o artigo *Preconceito linguístico: uma perspectiva no 6º ano do ensino fundamental* tem o propósito de gerar uma discussão sobre o preconceito linguístico em relação às variedades linguísticas no ensino da língua portuguesa em uma escola da rede pública de Araguatins. As autoras Lilian dos Santos Silva e Tania Regina Martins Machado, ambas da Universidade Estadual do Tocantins, ao realizar uma pesquisa de campo, conseguiram verificar que ainda há a crença de que existe uma “língua

perfeita”, uma representação idealizada e muitas vezes inalcançável. As autoras concluem que a sala de aula é um lócus não somente de ensino e aprendizagem, mas um lugar de combate ao preconceito e respeito às diferenças.

Para travar uma luta contra o preconceito é preciso, antes de tudo, conhecer as raízes da intolerância e como ela se manifesta. Dentre as formas de expressão e propagação de discursos intolerantes, destacamos os livros, em especial os livros didáticos e literários que atravessam a trajetória dos estudantes e de modo sutil suplantam, muitas vezes, práticas intolerantes e violentas como algo natural. É travando este diálogo (literatura e preconceito), que apresentamos os dois próximos artigos.

Da Universidade Federal da Bahia, o próximo artigo a compor esta edição trata de apresentar e discutir a experiência didática durante o componente curricular Prática em Educação Infantil no curso de Pedagogia, na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Os autores buscaram conhecer as raízes étnicas de estudantes e através da contação de histórias puderam elucidar aspectos importantes da cultura afrodescendente na Bahia, proporcionando assim uma reflexão sobre o empoderamento social. Da autoria de Bruna Isabelle Gouveia Santos, Lara Sousa da Silva Oliveira e Carlos Eduardo Gomes Nascimento, o trabalho ganhou o título de *O menino do turbante: um relato sobre a diversidade étnica dos afrodescendentes na educação infantil* traz a tona a discussão sobre a preservação e valorização da diversidade étnica em sala de aula por meio de uma reflexão sobre texto homônimo.

O próximo artigo, de autoria de Joélio de Jesus Dias (Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe) e Antônio Ponciano Bezerra (Universidade de Lisboa), intitulado: *“Um coice da pesada”: a linguagem violenta como reflexo da violência da sociedade em “O tronco” de Bernardo Elis* utiliza a obra literária como objeto de análise da linguagem violenta. Os autores, baseados em Odália (1983), Dadoun (1988) e Preti (1989) discutem sobre como a violência, apresentada repetidamente na obra de Bernardo Elis, fundamenta-se nas práticas sociais, assumindo, muitas vezes um caráter natural e inerente ao ser humano.

Até aqui, buscamos congregamos textos que trazem mais explicitamente uma visão crítica sobre as práticas sociais e suas interfaces com a variação linguística, preconceito e (in)tolerância. Considerando que as práticas sociais estão carregadas de intencionalidade, e que dependendo da forma como estão organizadas, seja enquanto gênero discursivo, seja pelo seu suporte, ainda é preciso dar luz a estudos que busquem compreender como se dão as (re)construções dessas práticas.

Intitulado de *“A transposição intermediática como um fenômeno dialógico-intertextual: uma perspectiva de estudo”* da autoria de Patrícia Vieira da Silva (Universidade do Grande Rio), o texto busca analisar duas das principais correntes teóricas que discutem sobre a tradução intermediática sob uma perspectiva dialógico-intertextual, voltando-se mais especificamente para a transposição do meio verbal para o não verbal. A revisão teórica realizada sugere que a transposição intermediática leva a uma re-escritura do texto, o que explica porque, muitas vezes, textos escritos ganham novos nuances quando são adaptados para o cinema ou teatro, por exemplo, ou seja, diferentes manifestações contribuem para a reconstrução do sentido de um texto “original”.

Para finalizar esta edição, contamos com o texto *“A produção de questionários de pesquisa como gênero acadêmico”* de Maria Aparecida da Costa e Ana Maria de Oliveira Paz da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. As autoras apresentaram um relato de experiência que visou descrever as principais discussões emanadas do minicurso

*Produzindo questionários de pesquisa: da técnica instrumental ao gênero acadêmico.* Sob o viés da sociorretórica e da metodologia científica, as pesquisadoras concluíram que trabalhar gêneros acadêmicos como o questionário devem mobilizar competências que vão além da leitura e produção escrita, pois do contrário, incorrerão em um processo reducionista, se comparado a um método de ensino baseado nos *feedbacks* do interlocutor e da socialização, mais uma vez, a prática dá voz ciência.

Esta edição teve como objetivo reunir textos que tratassem da interlocução entre linguística e práticas sociais, dando ênfase às questões referentes a variação linguística, preconceito linguístico, sobre como esses assuntos podem nunca ser redundantes nas práticas sociais e pedagógicas. Para além deles, nossos autores trouxeram à tona aspectos importantes para a representação e valorização social, étnica e racial na construção do conhecimento, seja por meio de revisões bibliográficas, relatos de experiência ou mesmo da análise e produção de textos. Longe de encerrar as discussões aqui inseridas, gostaríamos de agradecer a contribuição de cada participante desta revista: editores, bolsista, designer gráfico, pareceristas *ad hoc*, autores e leitores, pois sem eles, fazer o elo entre ciência e prática social seria uma tarefa muito mais difícil.

Geórgia Maria Feitosa e Paiva  
Editora-Chefe da Mandinga – Revista de Estudos Linguísticos